



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV Cultura**

**Palácio do Planalto, 02 de maio de 2008**

**Jornalista:** Presidente Lula, muito obrigado pela entrevista, aqui, para a TV Cultura.

**Presidente:** Heródoto, você sabe que é um prazer conversar com você, conversar com a Cultura. Você sabe que a TV Cultura tem muito a ver com a minha política, não é? A primeira entrevista que eu dei na minha vida foi para a TV Cultura, não consegui dar entrevista em pé porque começaram a tremer as pernas, eu fui obrigado a sentar. E, depois, eu acho que o programa mais importante de que eu participei na TV Cultura foi o Vox Populi, em 78. Eu acho que foi um programa que marcou a minha vida como entrevistado e, sobretudo, porque a gente vivia um momento de ouro do movimento sindical nas greves do ABC. Portanto, eu me sinto em casa dando entrevista para a Cultura.

**Jornalista:** Muito obrigado. Presidente Lula, depois que o Brasil recebeu o grau de investimento, por uma das agências de risco internacional, há uma euforia na Bolsa de Valores e há mesmo um recorde de pontos na Bolsa. Eu gostaria de saber se o governo recebe com a mesma euforia ou se o governo está mais cauteloso em relação a essa classificação internacional?

**Presidente:** Não. Primeiro, nós temos que ter uma euforia comedida, porque o jogo tem muito tempo pela frente e nós sabemos que estamos construindo um processo de macroeconomia neste País que vai levar algum tempo ainda para a gente poder estar consolidado definitivamente como uma grande nação e como uma grande economia. Mas eu, Heródoto, acho que para que o povo



entenda o que eu sinto é o seguinte: você imagina que você interna uma pessoa que você gosta no hospital e essa pessoa vai para a UTI. Aí, quando essa pessoa recebe alta, você vai ficar feliz. E eu estou feliz por isso. Eu acho que o Brasil sofreu muito tempo, não foram anos, foram décadas e mais décadas, e que agora o Brasil está sendo reconhecido pelos sacrifícios que fez a sociedade brasileira, pelo comportamento do Congresso Nacional, pelo comportamento do Poder Executivo, pelo comportamento dos trabalhadores e dos empresários. Eu acho que houve uma combinação de esforços feita por todos os brasileiros que permitiu que nós pudéssemos, hoje, estarmos felizes porque é uma coisa importante para o Brasil, é uma vantagem extraordinária nesse mundo globalizado. Agora, o que eu digo para os meus Ministros? Cautela e caldo de galinha não faz mal a ninguém. É importante a gente estar feliz, mas é importante a gente continuar com a mesma preocupação de que o Brasil é um país em construção.

**Jornalista:** Presidente, o senhor acha que com esse grau de investimento o Brasil vai integrar o conjunto do G-8 ou do G-9, caso o Brasil venha a ser convidado por esse grupo de nações mais desenvolvidas?

**Presidente:** Veja, o G-8 é uma composição política. Se dependesse do dinamismo da economia, o Brasil já estaria participando do G-8. Entretanto, eu até brinco com os presidentes, com o Bush, brincava com o Chirac: o dia em que o Brasil virar a 5º economia do mundo, vocês vão criar o G-4; o dia que o Brasil virar a 3º, vocês vão criar o G-2; o dia que virar a 2º, vocês vão criar o G-1. Porque eu não sei se na cabeça do mundo desenvolvido está a idéia de um país que foi eternamente considerado um país emergente participar de um bloco tão seletivo como é o bloco do G-8. Eu acho que há uma movimentação, vários países que participam do G-8 estão defendendo que hoje é incompatível reunir o G-8 sem reunir o Brasil, sem reunir a China, sem reunir a Índia, sem



reunir o México. Então, as pessoas estão se dando conta de que a economia globalizada e a participação dos países emergentes, que eles chamam de Brics, como é o caso do Brasil, é imprescindível. Como é que você vai discutir meio ambiente, hoje, sem estar o Brasil presente? Como é que você vai discutir alimentos sem estar presente o Brasil? Então, eu penso que o mundo vai evoluir, não para que o Brasil faça parte do G-8, mas eu acho que vai evoluir para que mais países componham esse grupo seletivo que discute os rumos da economia mundial.

**Jornalista:** Presidente, o governo também anunciou, recentemente, o aumento do preço da gasolina e do óleo diesel. Esse aumento vai realmente se efetivar ou o governo pode voltar atrás, temendo que isso possa alimentar a inflação brasileira?

**Presidente:** Não, não vai alimentar a inflação, porque nós fizemos um jogo combinado. Na medida em que nós fizemos o reajuste da gasolina e o reajuste do óleo diesel para a Petrobras, ao mesmo tempo nós reduzimos a alíquota da CID para permitir que o aumento não chegasse ao consumidor. Portanto, quando você for num posto de gasolina – e eu assinei a Medida Provisória na sexta-feira – quando você for num posto de gasolina que você for encher o seu tanque, o preço da gasolina tem que estar o mesmo, não pode ter aumentado porque nós, na verdade, fizemos uma combinação com a CID, para que o povo não sofresse o aumento e para que não tivesse incidência sobre a inflação.

**Jornalista:** Presidente, o preço do álcool, já que nós estamos falando de combustível, flutua, dependendo da produção, o da gasolina está estável. Isso quer dizer que o preço da gasolina e do diesel são preços políticos?

**Presidente:** Não, pelo contrário. Nós trabalhamos com uma margem, eu diria,



sábua, por conta da Petrobras. Porque a verdade é que o custo da gasolina que nós produzimos no Brasil não é a totalidade do custo do petróleo internacional. Porque a verdade é que o petróleo internacional está a 114, 120 dólares o barril, mas o custo nosso, aqui dentro do Brasil, para produzir a parte que nós extraímos, não custa esse mesmo preço. Portanto, nós fizemos o reajuste no momento certo e na hora certa e não tem nada de política. Tem... a gasolina e a Petrobras têm que contribuir com a inflação, não são só os outros setores da economia. E nós achamos que está de bom tamanho esse preço. A Petrobras não é uma empresa qualquer, é uma empresa muito grande e nós fizemos o reajuste porque entendíamos que era o momento de fazer o reajuste.

**Jornalista:** Presidente, os exportadores brasileiros têm razão de ficarem preocupados com esse grau de investimento e uma nova entrada bastante forte de dólares no Brasil? O governo está elaborando uma política industrial para tentar segurar essa situação?

**Presidente:** Eu, às vezes, Heródoto, fico pensando em tudo que eu já falei na minha vida, eu às vezes fico pensando em tudo que eu já sonhei e em tudo que eu já ouvi. Tudo que o brasileiro reivindicou nos últimos 50 anos era que o Brasil se dotasse de credibilidade para receber a entrada de muitos dólares no Brasil. Na hora em que essa situação se apresenta, aparecem as pessoas com medo, porque vai entrar muito dólar.

Primeiro, eu quero que entrem todos os dólares do mundo dentro do Brasil. Em segundo, eu acho que nós temos que ter mecanismos para não misturar o dólar que entra para o setor produtivo, para construir uma fábrica, para gerar um emprego, com o dólar que vem para especulação. Esse nós criamos o IOF, de 1,5% para tentar inibi-lo, se for preciso cria-se mais, o Conselho Monetário saberá o momento adequado de discutir isso.

Agora, ao mesmo tempo, nós temos que ter uma preocupação com as



nossas exportações, porque o Brasil não quer construir déficit de conta corrente, mais. Então, no dia 12 nós vamos ao Rio de Janeiro, à sede do BNDES, lançar uma proposta de política industrial para o Brasil, que tem política de inovação tecnológica, que tem política de incentivo às exportações, que tem política de desoneração. Eu acho que é o mais importante movimento para o desenvolvimento industrial do Brasil, que aconteceu nesses últimos 50 anos. Nós vamos anunciar no Rio de Janeiro, no próximo dia 12.

**Jornalista:** Presidente, aqueles mesmos analistas internacionais que dizem que a economia brasileira está indo bem, tanto que estão dando um grau de investimento para ela, também fazem críticas dizendo que o estado brasileiro gasta muito e eu pergunto ao senhor: o Estado brasileiro gasta muito, os gastos públicos estão muito acelerados?

**Presidente:** Nós não gastamos muito porque não temos muito. Mas a verdade, Heródoto, é que há muito sofisma sobre a questão do Estado brasileiro. Houve um tempo em que esse estado passou 8 anos sem dar reajuste para o servidor público e não melhorou a vida do Estado. E quando você não dá aumento para o funcionalismo público, achando que você vai fazer contenção de despesa, o que você faz? Faz contenção da qualidade do serviço que o Estado tem que prestar para a sociedade.

Se nós estamos construindo a quantidade de universidades que estamos construindo, se nós estamos construindo a quantidade de escolas técnicas que estamos construindo, se nós fizemos o PDE que é uma pequena revolução no ensino fundamental, nós precisamos contratar técnicos e professores para poder fazer essas escolas funcionarem. Quando nós vamos inaugurar mais três presídios de alta segurança neste País, nós precisamos contratar agente penitenciário, nós precisamos contratar funcionário. O que é importante, não é discutir se o Estado custa muito ou custa pouco, o importante



é a gente discutir a qualidade do serviço que o Estado presta ao contribuinte brasileiro e nós não prestamos um bom atendimento, é preciso que a gente preste um bom serviço, e para isso nós temos que fazer as reparações nas categorias profissionais que trabalham no Estado.

A segunda coisa, Heródoto, que nós temos que ter em conta é o seguinte: o PAC é, possivelmente, o mais importante investimento que este País já fez. Eu digo sempre que o último grande investimento em infra-estrutura foi feito no governo Geisel. Naquele tempo a gente não tinha reserva e a gente não tinha dólar. Nós fomos obrigados a tomar petrodólares emprestados, porque estava muito barato e depois viramos vítimas dele. Por quê? Porque os juros aumentaram e nós estávamos com uma dívida externa impagável. Certamente, você como eu, fez muita campanha contra a dívida externa, fez muito discurso contra a dívida externa.

Hoje nós estamos em uma situação altamente confortável. Primeiro, porque nós temos quase 200 bilhões de dólares de reservas; segundo, porque nós estamos fazendo o PAC com recursos do governo e com recursos das empresas. São 504 bilhões de reais, mais de 270 bilhões de dólares, que vão transformar este País em um canteiro de obras. As obras começaram com mais força agora, nos meses de março e abril, eu estou viajando o Brasil inteiro para dar ordem de serviço em todas as capitais, das obras mais importantes. É urbanização de favelas, é saneamento básico, são casas para as pessoas morarem, são rodovias, ferrovias, portos e aeroportos. Essa é uma coisa extraordinária. Então, quando o Estado arrecada um pouco mais, o Estado então tem fôlego para fazer aquilo que outros governos não tiveram condições de fazer, porque a situação econômica não era tão favorável como está hoje.

Foi por isso que eu disse no último dia 30 em Alagoas, que eu espero que depois que eu deixar a Presidência da República, nunca mais o Brasil eleja um Presidente que não tenha sorte. Todo mundo que for eleito tem que ter muita sorte, porque sem sorte ninguém vira goleiro titular do Corinthians ou da



Seleção Brasileira.

**Jornalista:** Presidente, o senhor tocou agora há pouco na questão do déficit das contas correntes do País. O que o governo vai fazer para impedir que esse déficit possa acumular até o final do ano como prevêem alguns analistas econômicos?

**Presidente:** Estamos trabalhando, Heródoto. Eu tenho feito sistematicamente reuniões com o ministro Guido, com o presidente do Banco Central, com o ministro do Planejamento e dentro disso está a idéia de você lançar a política industrial com forte incentivo às nossas exportações. O Brasil precisa se transformar em uma plataforma de exportações de vários produtos que nós fabricamos, não apenas *commodities*, mas de carro, telefone celular, software. Por isso é que nós vamos lançar a política industrial, para ver se ela contribui para a gente exportar muito mais, fomentar e incentivar os nossos exportadores.

**Jornalista:** Presidente, já que nós estamos falando de exportação e importação, o senhor está acompanhando, a Receita Federal está em grave, eu acho que há uns 40 dias, fazendo uma série de reivindicações. Parece-me que o Poder Executivo ia apresentar um projeto no Congresso que era um projeto que regulamentaria a greve dos servidores públicos. Eu pergunto ao senhor o seguinte: esse projeto realmente existe e vai ser iniciativa do Poder Executivo?

**Presidente:** Nós tínhamos intenção, quando o Ricardo Berzoini estava no governo, o Marinho, ministro do Trabalho, a gente queria que fosse feito esse projeto, até que surgiu a possibilidade de a Suprema Corte tomar uma decisão em uma votação. E a Suprema Corte votou esses dias uma decisão do



presidente Gilmar, em que o governo vai descontar os dias dos servidores que estiverem em greve. Ora, meu Deus do céu, eu primeiro defendo liberdade e autonomia sindical, segundo eu defendo o direito de greve, agora, as pessoas precisam compreender que eu ganho um salário pelos dias que eu trabalho, pelas horas que eu trabalho. Se eu não trabalho e quero ficar em greve 20, 30, 40, 50 dias e eu recebo o salário, isso não é greve, isso são férias. Então, a ordem que o Ministério do Planejamento tem é: descontar os dias das pessoas que estão em greve, nós temos mesa de negociação...

Agora, muitas vezes, as pessoas querem aquilo que o Estado não pode pagar e se o Estado não pode pagar, não vai pagar. Se o Estado puder pagar, nós vamos fazer acordos e vamos atender como temos atendido 100% das categorias neste País. Eu sou amplamente favorável ao cumprimento da decisão da Suprema Corte. Não trabalhou, não ganha, portanto, e não dá para no governo fazer como em uma indústria metalúrgica, a Advocacia-Geral da União entra em greve e aí a Justiça decide: “bom, 30% vai trabalhar”. Eu não posso perder 70% dos processos que estão contra o governo, eu preciso de 100% da Advocacia trabalhando. Então, eu penso que foi importante a decisão da Suprema Corte e se for necessário, eu tenho certeza que a gente conta com o apoio dos trabalhadores da iniciativa privada. Se tem que mandar um projeto de lei regulamentando a greve e regulamentando, ao mesmo tempo, a contratação coletiva do trabalho. Nós não queremos que o servidor público seja tratado também, na relação com o Estado, como se fosse de segunda categoria, ele tem o direito de ter a negociação coletiva, sentar à mesa e ter até o direito de fazer greve como eu tinha quando era metalúrgico. Agora, a greve tem um custo. Qual é o custo? É não receber o dia que eu não trabalhei.

**Jornalista:** Presidente, já que nós estamos falando dos direitos trabalhistas, os movimentos trabalhistas no País estão lutando pela diminuição das horas de trabalho semanais, de 44 para 40. O senhor acha que nós estamos mais longe



ou estamos mais perto disso?

**Presidente:** Eu passei parte da minha vida lutando pela redução da jornada de trabalho. Eu acho que ela pode significar um bem para o Brasil. O que eu disse aos dirigentes sindicais? Não fiquem esperando que o governo faça isso. Vocês podem construir um projeto de lei de iniciativa popular. Vá para a rua, vá pegar assinatura dos trabalhadores e dê entrada no Congresso Nacional, em um projeto que mobilize a sociedade em torno dele, para que quando chegar no Congresso Nacional essas coisas estejam debatidas na sociedade. O que não pode é as pessoas imaginarem que o Presidente da República pode fazer um projeto e mandar para lá, o que fica quase uma imposição do governo. Não. Eu acho que é um debate que o governo precisa fazer junto com a sociedade, junto com os sindicatos, junto com os empresários, para ver se chega à conclusão. Se for do ponto de vista da geração de emprego, da distribuição de renda, uma coisa palatável, que se faça; se não for, vamos fazer no momento em que precisa ser feito. Teoricamente nós geraríamos mais empregos.

**Jornalista:** Presidente, o senhor falou também dos gastos do Estado. Foi aprovado no Senado, como o senhor sabe, um projeto do senador Paulo Paim, aumentando o valor das aposentadorias para quem ganha acima do piso da Previdência e esse projeto agora está indo para a Câmara. Se for aprovado na Câmara esse aumento para os aposentados, o senhor vai vetar?

**Presidente:** Eu tinha certeza que vinha essa pergunta, não sei porquê. Eu penso que a Câmara deve agir com a sobriedade e com a autonomia que lhe é de direito. Tudo que eles aprovarem, tudo o que for aprovado na Câmara ou no Senado, que vier para o Presidente da República sancionar, e aquilo não for compatível com a possibilidade de o governo pagar, eu, como Presidente da República, vetarei. Nessas coisas eu não brinco. Primeiro, porque o dinheiro



não é meu, é do próprio trabalhador. Segundo, eu só dou um presente para o meu filho, em casa, se eu tiver dinheiro para dar, se eu não tiver, prefiro falar que não vou dar, do que fazer uma promessa “incumprível”, como diria o Magri, para o meu filho.

Então, é o seguinte: é humanamente impossível você fazer o fator previdenciário, você igualar para os trabalhadores aposentados o aumento que você dá para o salário mínimo, não tem caixa, não tem dinheiro para isso. É simplesmente isso.

Então, eu penso que a Câmara vai tratar de fazer o debate com maturidade, e a mim não tem nenhuma preocupação, quando chega naquela mesa, ali, para sancionar ou vetar, o que pesa não é o comportamento pessoal do Lula, não é a vontade pessoal do Lula, ser humano. O que pesa é a responsabilidade minha de uma coisa chamada instituição Presidência da República. E, aí, eu ajo como Presidente.

**Jornalista:** Presidente, uma outra pergunta aqui para o senhor é em relação também, a um balanço constante que a imprensa internacional faz do desmatamento no Brasil. Aí o governo faz a iniciativa, daí vem outras reportagens dizendo que o desmatamento tem aumentado constantemente. Qual é o balanço que o senhor faz? O senhor acha que está sendo contido esse desmatamento?

**Presidente:** O balanço que eu faço é altamente promissor. Os dados do Inpe têm demonstrado, ao longo do tempo, que nós já diminuimos praticamente em 59% o desmatamento. Obviamente, que também há muita controvérsia sobre essa questão do desmatamento, ou seja, a fotografia de satélite do Inpe mostra uma realidade, eu acho que além de ver a foto, você tem que ir lá para saber se é desmatamento na selva amazônica ou é desmatamento de alguma área que já estava desmatada.



Mas, de qualquer forma, nós estamos criando, no Brasil, Heródoto, a seguinte consciência: o Ministério do Meio Ambiente e o Ibama nunca, nem de perto, tiveram as condições que têm hoje para fiscalizar o desmatamento e cuidar do meio ambiente do Brasil. Posso dizer isso de coração.

Agora, ao mesmo tempo, o Brasil é um país que precisa tomar consciência que hoje evitar o desmatamento é uma vantagem comparativa na relação internacional do Brasil. Não é uma coisa que um fazendeiro quer fazer e o governo não quer, ou um fazendeiro quer fazer e a Marina não quer. Isso é muito pequeno.

O que precisa ter é o seguinte: O fazendeiro está tomando consciência de que se ele desmatar de forma ilegal, sem autorização, ele estará criando um problema para o Brasil, na sua relação comercial. Porque daqui a pouco começa a surgir, na União Européia: “Não comprem carne do Brasil, que desmatou; não comprem soja do Brasil...”.

Então, eu tenho alertado, tanto os produtores quanto a Ministra do Meio Ambiente, quanto o Ministro da Agricultura, de que o Brasil está virando gente grande, nesse mundo comercial. E que, portanto, cada palavra nossa merece muita reflexão e muita responsabilidade. Porque eu estou vendo agora a propaganda lá fora de que “ah, o gado Zebu não é gado”, de que “a cana-de-açúcar está na Amazônia”. É mentira, ela não está na Amazônia, e o gado Zebu é um gado de qualidade. Por que estão falando isso do Brasil, agora? Porque o Brasil deixou de ser coadjuvante. O Brasil passou a ser artista principal e, portanto, as pessoas vão fazer guerra comercial com o Brasil. E nós temos que ajudar o Brasil.

Então, o não-desmatamento é uma vantagem comparativa para o Brasil, e nós precisamos cuidar disso com muito carinho. Nós queremos contribuir para desaquecer o Planeta. Nós achamos que a cana-de-açúcar é o melhor instrumento, a melhor cultura para você produzir etanol.

Não sei porque que os países que assinaram o Protocolo de Quioto não



têm nenhuma tarifa para importação de petróleo e metem tarifa na importação do etanol brasileiro. Eu vejo o etanol, e vejo o biodiesel como a salvação para alguns países africanos e para alguns países da América Latina. Tenho dito aos Presidentes e aos Primeiros-Ministros dos países ricos que eu não quero que eles desmontem as coisas deles, não quero que eles desmontem a agricultura deles, não quero que eles desmontem... que vá plantar álcool de beterraba ou de arroz. Não, isso é comida para o povo. Façam parcerias com terceiros países e plantem na África. Não compra petróleo da Arábia Saudita? Porque custa comprar etanol de Gana, de São Tomé e Príncipe?

Ora, meu Deus do Céu. É apenas uma questão de juízo. Cada um tem que dar a sua contribuição para a gente diminuir o aquecimento global. E o Brasil, enquanto os chamados “inteligentes” do mundo não encontram um outro combustível melhor para dirigir os carros sem poluir, o Brasil, humildemente, está oferecendo ao mundo etanol de muita qualidade, menos poluente. E são duas vantagens: quando a gente planta cana, ela seqüestra CO<sub>2</sub>, quando a gente produz o combustível, bota no carro, ele não emite CO<sub>2</sub>, ou bem menos. E a outra coisa é a geração de empregos, sobretudo, com os biocombustíveis trabalhando a pequena e a média propriedade agrícola.

Nós estamos dizendo para o mundo: esse é um debate que o Brasil quer fazer e queremos fazer com todo mundo, com ONG, com os contra, com os a favor, vamos convocar uma conferência internacional em novembro, em São Paulo para discutir a questão do biodiesel e eu topo fazer esse debate em qualquer público, em qualquer cenário, porque eu acho que o Brasil tem argumentos para convencer que aqueles que são contra, estão errados. Aí começam a falar: “Ah não, mas o biocombustível está sendo responsável pelo aumento do alimento”. Pode ser que um dia venha a fazer e o dia que vier a fazer, eu serei contra, mas é quase uma insanidade um cidadão dizer, um cidadão não perceber quanto custa o preço do petróleo no frete da comida que a gente come ou quando custa o preço do petróleo nos fertilizantes que a gente



produz. É uma insanidade a pessoa não levar em conta que milhões de chineses estão comendo, indianos, brasileiros, latino-americanos, asiáticos e africanos estão comendo mais. Ora, então nós estamos com um problema razoável, não é um problema ruim. Nós temos terra, água, fotossíntese como nenhum país do mundo, portanto, o desafio é plantar mais comida. Esse é um bom desafio, plantar mais comida porque vai gerar mais emprego na agricultura, vai gerar mais renda e vai baratear o alimento. Meu pai dizia, eu era pequenininho e ouvia os mais velhos dizerem: “O Brasil, um dia será o celeiro do mundo”. Quem sabe, esteja chegando a hora.

**Jornalista:** Presidente, muito obrigado pela... Só uma última coisa. Incomoda o senhor o PT ser aliado do PSDB na prefeitura de Belo Horizonte ou não?

**Presidente:** A mim não. A mim é um acordo que o PT faz em função da realidade política local. Houve um tempo, Heródoto, em que a direção nacional do PT se reunia, era como se fosse um conjunto de magistrados e a gente definia, lá de São Paulo, e eu digo isso não fazendo críticas ao PT, fazendo críticas a mim, eu era o presidente do partido. Então, a gente decidia qual era a lógica da aliança política a ser feita em Boa Vista ou qual era a lógica da aliança feita em Belém. Ora, quando no fundo, no fundo, as divergências que eu possa ter com um partido em São Paulo, não têm nada a ver com as divergências que, lá em Belém, o PT possa ter com outro partido político. Às vezes nós queremos fazer uma aliança em São Paulo e esse partido com o qual nós queremos fazer aliança é o pior inimigo do PT em Belém. Então, a sabedoria de quem conhece a grandeza deste País, a diversidade política e cultural deste País, é permitir que as cidades decidam a aliança em função da realidade local.

**Jornalista:** Presidente, muito obrigado pela entrevista.



**Presidente:** Obrigado a você. Eu pensei que você fosse fazer alguma pergunta sobre o Corinthians, você não fez nenhuma. Nem parece mais corintiano!

**Jornalista:** Eu não perguntei porque nós vamos passar para a segunda fase do campeonato do Brasil, Copa do Brasil. Obrigado Presidente.

**Presidente:** Obrigado a você Heródoto.

**Jornalista:** Eu que agradeço.

(\$31DHJLP)